

Este boletim é uma publicação da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização – CNseg.

## ENTREVISTA

### Investimentos em tecnologia e boas condições climáticas propiciaram safra recorde

**João Martins da Silva Junior**

Presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

A agricultura tem puxado a discreta recuperação da economia este ano. O presidente da CNA, João Martins da Silva Junior, atribui os expressivos resultados do setor aos investimentos em tecnologia e às condições climáticas favoráveis.

**1. No primeiro trimestre deste ano, em que o PIB avançou 1% sobre o trimestre anterior, a agricultura foi de longe o setor que mais cresceu (13,4%); em relação a igual período de 2016, o avanço foi de 15,2%. O que explica tal desempenho?**

O desempenho positivo da agropecuária se deve ao trabalho dos produtores rurais em todo o país. Mesmo diante de uma crise econômica e política tão severa, eles investiram em tecnologia. Ao contrário do ano anterior, quando a safra foi prejudicada pelo El Niño, a safra 2016/17 superou a melhor das expectativas, incrementando perto de 50 milhões de toneladas. Apesar de os preços da maioria dos produtos agropecuários estarem mais baixos, a produtividade segue em alta. Até o setor das carnes, que teve dificuldades devido à Operação Carne Fraca, já começa a dar sinais de melhora. Temos certeza de que o setor continuará ajudando o país a sair da crise, contribuindo para o aumento do PIB, a geração de empregos e a redução da inflação.

**2. No segundo trimestre, o número de trabalhadores empregados na agricultura caiu 8,1% em relação a igual período de 2016. É possível reverter a queda agora no segundo semestre?**

Os dados da abertura de vagas para o semestre já demonstram uma recuperação robusta. No primeiro semestre, a agropecuária abriu 117 mil vagas. Foi o setor que mais contratou, refletindo os bons resultados da agricultura, com destaque para as culturas do café e da laranja. Diante de uma safra tão positiva, o setor contratou para conseguir manter, colher, escoar e armazenar a produção. A queda comparada ao ano passado mostra que o setor não está imune à crise. Também sentimos seus efeitos, mas em menor proporção que os outros setores. Acreditamos que o setor seguirá com o saldo positivo na abertura de vagas. A consolidação dessa melhora na geração de empregos dependerá muito da velocidade da retomada do crescimento.

**3. Qual a estimativa da CNA para a safra agrícola de 2017? Quais os destaques?**

A safra 2016/17 está chegando ao final com excelente produtividade em praticamente todos os Estados produtores. Isso se deve ao fato de o produtor ter plantado na época certa, a investimentos em tecnologia e às condições climáticas favoráveis. Essa soma de fatores contribuiu para que a safra crescesse cerca de 26% em relação à anterior, alcançando 236 milhões de toneladas, novo recorde nacional. A soja e o milho são as culturas que mais contribuíram para esse recorde. A produção de soja aumentou 19,4% frente à safra passada; a de milho, 44,3%. Temos a convicção de que a produtividade obtida em 2016/17 deverá tornar-se referência nas próximas safras.

## EDITORIAL

**Marcio Serôa de Araujo Coriolano**  
Presidente da CNseg



### 1º semestre consolida redução de ritmo nominal, para 3,5%

Tendo apresentado arrecadação de R\$ 117,9 bilhões (exceto saúde), o crescimento do mercado de seguros no semestre, contra igual período de 2016, foi de 3,5%. Descontando o DPVAT, cujo prêmio foi reduzido neste ano por norma do CNSP, a evolução alcançou 5,3%.

O resultado decepciona, influenciado pelo comportamento do 2º trimestre (-5,3%), que reverteu tendência do trimestre anterior (14,0%).

Alinhando as taxas dos ramos do mercado com maior peso absoluto, os desempenhos abaixo da média, semestre contra igual semestre, foram: Capitalização (-4,7%); Grandes Riscos (-1,9%); Transportes (0,6%); Garantia Estendida (1,5%); Marítimos e Aeronáuticos (-23,1%).

Já as maiores taxas, também pela ordem dos ramos de maior contribuição absoluta, assim se apresentaram: Automóveis (5,8%); PGBL (12,7%); Vida Coletiva (7,2%); Vida Individual (26%); Habitacional (11,7%); Crédito e Garantias (29,3%); Vida Risco Tradicional (19,1%); e Rural (17,7%).

Contrastando com a recuperação do ramo de Automóveis, os Planos de Acumulação VGBL diminuíram seu ritmo de crescimento, agora mostrando evolução de 4,3%, após taxas superlativas em 2016 e no primeiro trimestre deste ano.

A sinistralidade geral não sofreu agravamento significativo. As provisões técnicas do setor permaneceram superando muito o crescimento da arrecadação, alcançando 17,3% e encerrando junho com montante de R\$ 840,8 bilhões.

Todas as atenções agora se voltam para o comportamento do 3º trimestre, na esteira dos fundamentos da economia do País.

Boa leitura!

por **Lauro Faria**

Economista da Escola Nacional de Seguros

No primeiro semestre de 2017, os produtos de seguros, previdência complementar aberta e capitalização, regulados pela Susep, tiveram arrecadação de R\$ 117,9 bilhões, 3,5% acima do ocorrido no mesmo período de 2016 e abaixo da inflação do IPCA no período (4,2%). Fato inverso ocorreu no acumulado de janeiro a maio de 2017, quando o total arrecadado pelo mercado cresceu 7% frente ao mesmo período do ano anterior, superando nitidamente a inflação.

A razão de tamanha desaceleração prende-se à forte queda dos aportes aos planos de acumulação verificada em junho passado: no VGBL, a queda foi de 4,8% em comparação com o mês anterior; no PGBL, queda de 13,6% e nos planos tradicionais, queda de 6,2%. Como representam quase metade da arrecadação total do mercado, o efeito estatístico é forte e imediato. A redução desses aportes reflete a reação dos poupadores ante a perda de rentabilidade dos citados planos em razão da redução das taxas de juros, Selic à frente.

No restante do mercado, entretanto, manteve-se a tendência de crescimento moderado que vem ocorrendo desde o início do ano em linha com a recuperação da economia em geral. Os prêmios diretos das coberturas de risco de seguros de pessoas aumentaram 11% no semestre, comparado ao mesmo semestre de 2016, com destaques para os ramos Prestamista (21,1%) e Viagem (52,9%). Já os prêmios de seguros de vida tiveram crescimento de 5,2%, portanto, pouco acima da inflação.

Nos Ramos Elementares (seguros de Responsabilidades e Patrimônios) a receita de prêmios ficou estável no semestre relativamente a igual período de 2016. Isso ocorreu, principalmente, devido à diminuição de 30,9% nos prêmios do DPVAT, decidida administrativamente pelo CNSP. Fazendo o cálculo sem o DPVAT, os prêmios de Ramos Elementares cresceram 6,0%. No lado positivo, destacaram-se os desempenhos dos seguros Habitacionais (+11,7%), de Crédito e Garantias (+29,3%) e Rurais (+17,7%).

A arrecadação do principal ramo do grupo – os seguros de Automóveis – foi de R\$ 16,2 bilhões, o que significou expansão de 5,8%. Esse fato reflete a recuperação das vendas no varejo de veículos, motos, partes e peças, que, segundo o IBGE, tiveram na série dessazonalizada expansão real de 2,2% entre janeiro/junho de 2017 e agosto/dezembro de 2016. Nessa mesma base de comparação, também o IBC-Br (que é uma aproximação do PIB) mostrou, na série dessazonalizada, crescimento real de 1%, fato que não ocorria desde fins de 2014.

A arrecadação com a venda de títulos de capitalização totalizou R\$ 9,7 bilhões no primeiro semestre de 2017, com variação negativa de 4,7% em comparação com idêntico semestre de 2016.

No que se refere aos seguros e planos de saúde suplementar, os últimos dados da ANS e relativos ao primeiro trimestre de 2017 mostram receita de contraprestações de R\$ 42,9 bilhões, 10,3% acima do volume de igual período de 2016. Trata-se de crescimento significativamente acima da inflação e que reflete o forte aumento de custos setoriais, uma vez que a população coberta tem sofrido redução. A sinistralidade agregada do setor manteve-se elevada, de 80%, nessa base de comparação.

A sinistralidade agregada do mercado de seguros (exceto produtos de acumulação) supervisionado pela Susep caiu de 49,2% em jan./jun. 2016 para 46,3% em jan./jun. 2017, mostrando continuação do esforço de ajuste técnico das seguradoras para enfrentamento da conjuntura de baixo crescimento da renda e queda da taxa de juros. O índice de despesas de comercialização se elevou de 22,6% para 24,1% no mesmo período.

Refletindo as dificuldades da conjuntura atual, as despesas administrativas das seguradoras tiveram crescimento de apenas 2,1% entre jan./jun.2017 e jan./jun.2016, o resultado financeiro caiu 18,1% (devido à citada redução da taxa Selic), e o resultado patrimonial, 19,4%. Com isso, o lucro líquido agregado das seguradoras decresceu 11,1% no semestre frente a igual período de 2016, e a rentabilidade anualizada do patrimônio líquido passou de 23,8% para 20,7% nesse período.

Sendo a demanda de seguros derivada da aquisição de bens, serviços e patrimônios que os agentes econômicos entendem ser necessário proteger dos azares da vida, a manutenção do cenário de recuperação do mercado de seguros no resto de 2017 e em 2018 depende do que se vai passar na economia em geral nesse período.

## ANÁLISE CONJUNTURAL

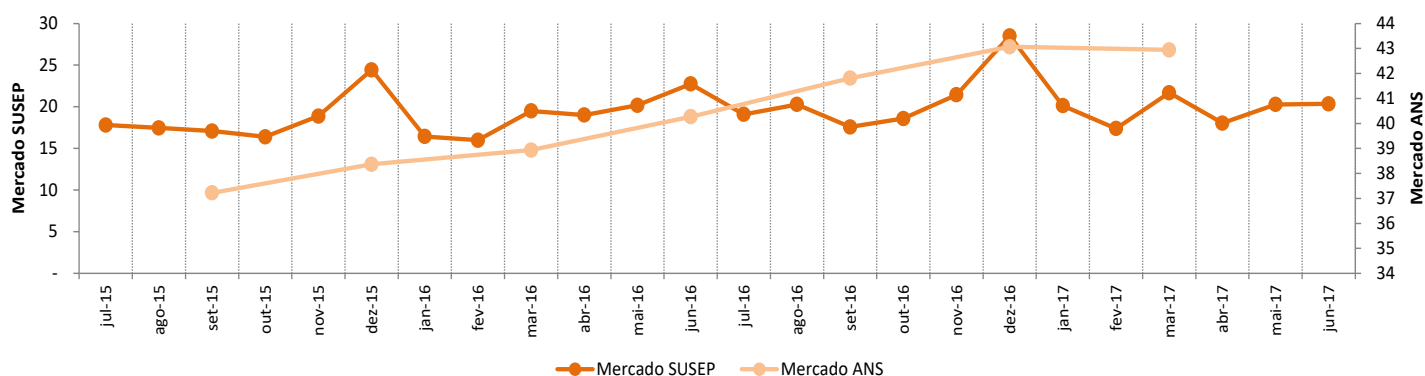
Nesse particular, diversamente do que passaram a acreditar certos analistas, não há como descolar a política econômica da crise política e, por conseguinte, aquela da economia em geral. Notemos que os especialistas consultados pelo Banco Central ajustaram para baixo suas expectativas de produção: conforme o Boletim Focus, no início do ano, as medianas das projeções para a variação do PIB e da produção industrial no acumulado de 2017 eram de 0,5% e 1%, respectivamente; atualmente (boletim datado de 04/08/17), caíram para 0,34% e 0,81%.

E, em função da previsível demora de aprovação das reformas econômicas (em especial, da previdenciária) e da consequente piora da situação fiscal, as autoridades acenam com diminuição do ritmo de queda das taxas de juros e majoração de tributos. É certo, entretanto, que melhoraram as expectativas de inflação (tanto que o CMN reduziu a meta de inflação e o Banco Central cortou a taxa Selic para 9,25%), bem como o desempenho do setor externo da economia.

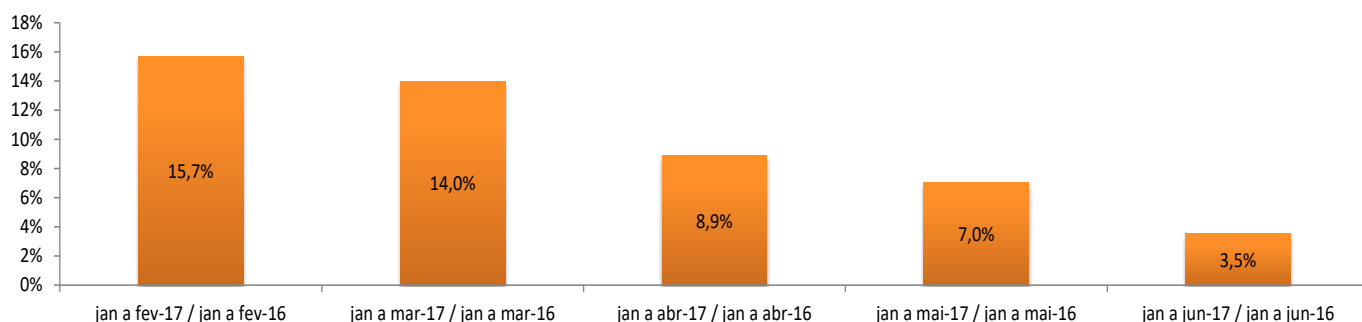
Assim, pode-se dizer cautelosamente que o mercado de seguros tende a ter um crescimento real de arrecadação moderado em 2017 e possivelmente recuperação de margens no segundo semestre, tanto pelos fatores macroeconômicos positivos que persistem (apesar da crise) como por desenvolvimentos que lhe são internos.

## DESEMPENHO DO MERCADO

ARRECADAÇÃO (R\$ bilhões)

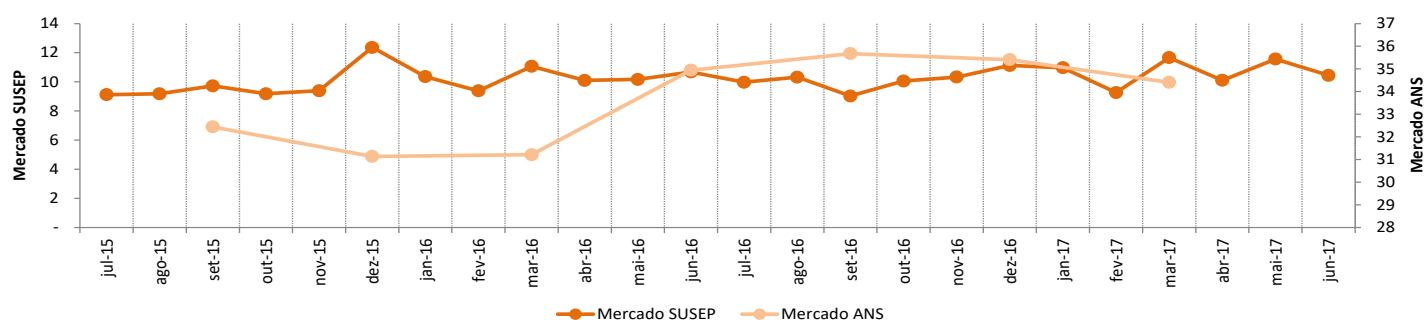


CRESCIMENTO NOMINAL DA ARRECADAÇÃO | MERCADO SUSEP (R\$ bilhões)

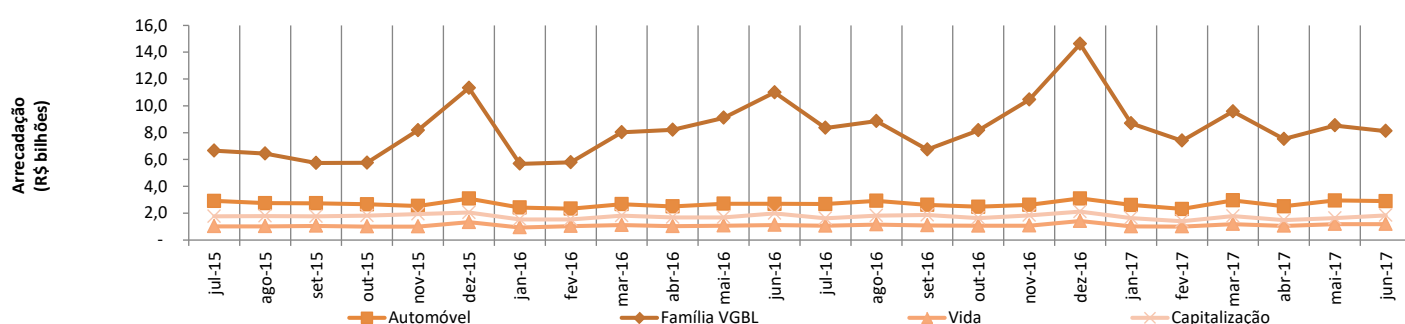


## DESEMPENHO DO MERCADO

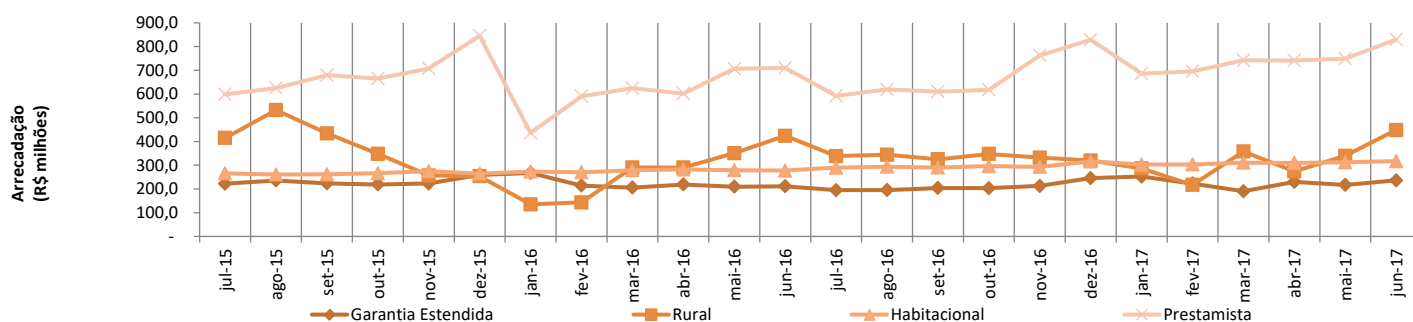
### SINISTROS, INDENIZAÇÕES, SORTEIOS, RESGATES E BENEFÍCIOS (R\$ bilhões)



### DESTAQUE: AUTOMÓVEL, FAMÍLIA VGBL, VIDA E CAPITALIZAÇÃO (R\$ bilhões)



### DESTAQUE: GARANTIA ESTENDIDA, RURAL, HABITACIONAL E PRESTAMISTA (R\$ milhões)



Fonte: Superintendência de Estudos e Projetos (SUESP) da CNseg

**Acesse. Ouça. Compartilhe. Curta.**  
**Conecte-se com a CNseg!**

**RádioCNseg**  
radio.cnseg.org.br

